

membra disiecta, que foi preciso apanhar em quatro bibliotecas públicas (Lisboa, Evora e Beja), numa particular (Guimarães), no Museu Etnologico, no de Beja, e em casa de um alfarrabista. Só quem escreve é que sabe quanto custa alinhar umas notas, por modestas que sejam, — como essas que aí deixo á complacente curiosidade do leitor.

J. L. DE V.

A vila e concelho de Ferreira do Zézere

(Continuação d-O Arch. Port., XXI, 95)

XIV

Famílias ilustres do concelho de Ferreira do Zézere

Melos

Além do que temos dito no decurso dêste trabalho acêrca de tam illustre família, representada pelos seus avoengos do termo de Dornes, acrescentaremos o seguinte extraído do processo original, que temos presente, da concessão de brasão de armas a Higino Oto de Queiroz e Melo, existente no Cartório da Nobreza, agora na Torre do Tombo.

Foi despachado em 8 de Maio de 1859. No requerimento declarava-se filho de António Leitão Queiroz de Andrade e de D. Maria do Carmo Caldeira Aboim, moradores no Beco, e o suplicante na Frazoeira, e actualmente em Lisboa na sua casa da rua das Praças, n.º 36. Alegou em seu favor o brasão concedido a Gregório Alexandre, de quem era neto materno, e o facto do seu avô paterno, Domingos José de Queiroz, ter sido rico proprietário, assim como o pai do suplicante, que, sendo bacharel formado em leis, foi capitão-mor da vila de Álvaro,

mas nenhum dos seus parentes paternos teve título de nobreza. Alegou mais os seus serviços como vereador do concelho de Ferreira pelos quais foi agraciado com o hábito de Cristo e depois com uma comenda da mesma ordem. Foi seu advogado João de Deus Antunes Pinto.



Fig. 20 — Brasão de Gregório Alexandre do Beco

Juntou o original da carta de brasão passada a Gregório Alexandre (fig. 20). Juntou mais a sua certidão de idade donde consta que, a 18 de Janeiro de 1821, foi batizado Higino Oto de Queiroz, nascido a 6 de Janeiro, filho do 1.º matrimónio de António Leitão Queiroz de Andrade e de D. Maria do Carmo Caldeira e Aboim, moradores na vila do Pedrógão do Crato; neto paterno de Domingos José de Queiroz e de D. Maria Madalena Leitão Sequeira Pereira de Queiroz,



Fig 21—Brasão de Gregório Alexandre tal qual se encontra na que foi sua residência

já defuntos; neto materno de Gregório Alexandre Caldeira Vasconcelos e Sousa, natural da Rebalvia e de D. Isabel Cândida Antónia de Melo e Aboim, do lugar do Tojal, freguesia da vila da Igreja, bispado de Viseu. Padrinhos: Eduardo Maria de Queiroz, seu irmão e D. Maria Isabel, sua tia. Juntou mais certidão de idade de sua mãe, da qual consta que, a 16 de Julho de 1793, na capela de N. Senhora do Carmo, do Beco, foi batizada Maria filha de Gregório Alexandre e de sua mulher D. Isabel Cândida, neta paterna de Gregório Aleixo (*sic*) de Sousa e de D. Simpliciana Teresa Cotrim e Vasconcelos, já defuntos; neta materna de Duarte de Melo da Silva Almeida e Castro, natural

da freguesia do Tojal e de D. Angela Balbina Manuel Albuquerque de Vasconcelos Aboim, natural da freguesia dos Anjos, de Lisboa—Nasceu a 7 de Julho. Padrinhos: o capitão José de Brito e sua mulher D. Maria Caldeira de Vasconcelos, moradores na Frazoeira; juntou certidão de óbito de Gregório Alexandre, falecido de repente em 16 de Abril de 1819, sendo sepultado na Igreja do Beco e juntou ainda certidões de casamentos de seus pais e avós. Gregório Alexandre casou no Beco, em 13 de Setembro de 1790, sendo D. Isabel Cândida

representada por seu irmão João António de Melo, tenente de cavalaria do regimento de Almeida; testemunhas o padre Leonardo Roberto Rodrigues e o bacharel Joaquim José Pessoa de Almeida. O casamento foi ractificado em 27 de Novembro na presença do capitão Alexandre José de Brito e do Bacharel António José de Brito e Castro na igreja do Beco, é claro estando presente D. Isabel Cândida, que recebeu a bênção nupcial.

A carta de brasão, concedida a Gregório Alexandre Caldeira Vasconcelos e Sousa, foi passada em 20 de Junho de 1792 e por isso ainda hoje na residência por elle fundada no Beco, sobre a porta principal, se admira o seu brasão (fig. 21).

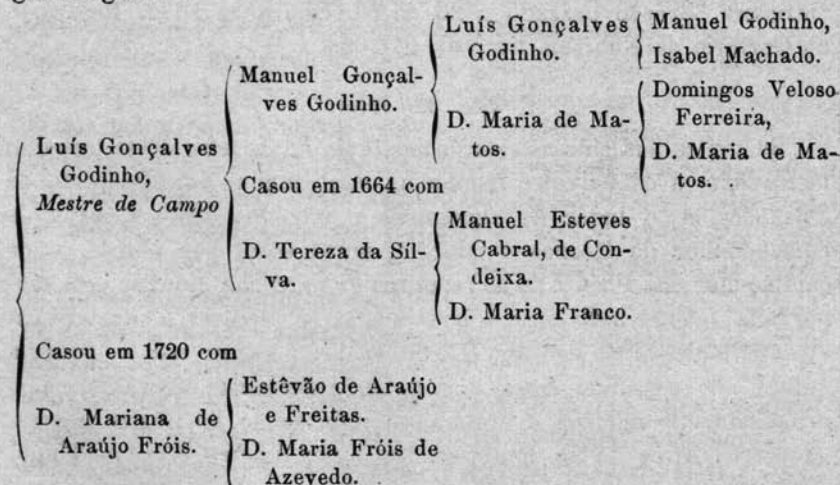
O brasão concedido a Higino Oto foi o seguinte:

Um escudo esquartelado: no primeiro quartel as armas dos Queirozes, no segundo as dos Melos, no terceiro as dos Sousas e no quarto as dos Vasconcelos.

Passado a 4 de Julho de 1859 encontra-se registado no *Cartório da Nobreza*, livro IX, fl. 26, v.

Godinhos, das Pias

Tendo já tratado bastante desta illustre família no decurso da presente monografia juntarei aqui apenas, um esboço da sua árvore genealógica:



Ainda o Sr. José Machado, a p. 133 dos seus *Brasões Inéditos* fala num brasão concedido a pessoa com sangue dos *Godinhos*, das Pias. Foi a Miguel Juzarte de Andrade, morador em Cantanhede, filho legítimo de Agostinho Juzarte e de sua mulher Francisca Jorge

Soares; neto de Miguel Juzarte, fidalgo da Casa Rial e de sua mulher Mécia Godinho, *filha de Domingos Gonçalves Godinho, da vila das Pias*; bisneto de Vasco de Oliveira Juzarte, moço fidalgo da Casa Rial e senhor da capela de Fernão Miguéis na igreja de S. Miguel de Montemor-o-Velho, e de sua mulher Antónia de Andrade, filha do capitão Gil Tomé Pais, vassalo d'el-rei D. Duarte, e de sua mulher Isabel Afonso de Andrade, descendente dos condes de Andrade em Galisa e moradores em Montemor-o-Velho. Juzartes e Andrades. D. uma flor de lis de prata. B. passado em 2 de Julho de 1605¹.

Apontaremos finalmente para quem pretender profundar mais a genealogia das famílias das Pias o manuscrito $\frac{21}{F}$ da Torre do Tombo.

Garcezes

Encontramos noticia do seguinte brasão passado ao presbítero Manuel da Silva Garcez, natural da cidade de Leiria, freire professo na ordem militar de S. Bento de Avis e prior da igreja matriz da vila de Sousel; filho de Joaquim António da Fonseca Lial e Silva e de sua mulher D. Maria Teodora Garcez; neto paterno de Manuel Lopes da Fonseca Lial e Silva e de D. Damásia Maria e materno de Manuel da Silva Garcez e de D. Teodósia Martins da Rosa. Um escudo ovado e partido em pala; na 1.^a as armas dos Silvas e na 2.^a as dos Garcezes. Brasão passado a 20 de Novembro de 1832. Registrado no Cartório da Nobreza, liv. VIII, fl. 265².

Sás, das Pias

Bastantes têm sido as referências, que, no decurso deste trabalho temos feito a esta illustre família na qual andou, durante perto de dois séculos, o lugar de almoxarife e juiz dos direitos reaes da comenda-mor de Dornes e também, umas vezes por outras, o de capitão-mor das Pias. Não as repetiremos para não alongar esta monografia; o leitor mais curioso pode a elas se reportar facilmente em vista do índice alfabético com que findamos o presente estudo. Todavia muitos são os aditamentos que a tais referências agora faremos, principalmente devidos à obsequiosa informação do illustre investigador Sr. Aires de Sá, muito erudito autor do *Frei Gonçalo Velho*.

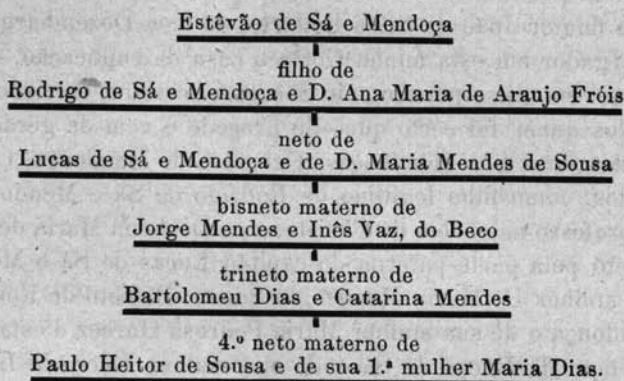
Ver-se há como a erudição e o gosto pelas belas letras eram apañágio antigo dalguns dos Sás, das Pias.

¹ Livro 1, fl. 224.

² *Arquivo Heráldico*, de Sanches de Baena, p. 509.

O primeiro Sá que veio fixar a sua residência no concelho de Ferreira foi, como já dissemos, Lucas de Sá e Mendonça, cuja primeira esposa faleceu em 1661. Foi elle como vimos almoxarife e juiz dos direitos riais em Dornes e capitão das ordenanças na vila das Pias.

Eis uma árvore genealógica da sua familia tal qual consta do processo n.º 24 do m. 1912 da secção *Côrte, Extremadura e Ilhas* do arquivo do Desembargo da Paço:



Aqui se vê precisamente a ligação dos Sás, isto é, do primeiro que no concelho de Ferreira veio fixar a sua residência, com uma senhora oriunda do termo de Dórnes a cujos parentes fizemos referência larga no sítio devido.

Este processo, donde consta tam interessante arvore de geração, foi uma contestação à abolição da capela instituida por D. Aldonsa de Sousa, de Condeixa, filha, segundo parece, do comendador-mor D. Gonçalo de Sousa, instituição a que aludimos largamente, num dos capítulos anteriores. Paulo Heitor de Sousa foi d'ela herdeiro universal e parece que, por tal motivo, se começou a apellar Sousa.

A este mesmo Estêvão de Sá foi concedida a seguinte carta de brasão cujo original, obsequiosamente emprestado pela sua actual possuldora, transcrevemos *ipsis verbis*:

«Dom João por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e dalem mar em Africa, senhor de Guiné, e da conquista, navegação do comercio da Ethiopia, Arabia, Percia e India, etc. A quantos esta minha carta virem faço saber que Estevão Saa e Mendonça, fidalgo de solar e cotta de armas e capitão mór da villa das Pias, comarca de Thomar, me fês petição em como elle descendia e vinha da geração e linhagem dos Saas, Mendonças, Furtados de Mendonça e Cardosos e suas armas lhe pertencião de direyto, e pedindo

-me por mercê que para a memoria de seus antecessores se não perder e elle usar e gosar da honra das armas que pelos merecimentos de seus serviços ganharam e lhe forão dadas assim dos privilegios, honras, graças e mercês que por direito e por bem d'ellas lhe pertencem lhe mandasse dar minha carta das ditas armas que estavam registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos que tem Portugal, meu principal rei d'armas, a qual petição vista por mim mandei sobre ella tirar inquirição de testemunhas pelo doutor João da Silva Rodarte, do meu Dezembargo e meu Dezembargador em esta minha Córte e casa de supplicação, corregedor do civil em ella e por Antonio Soares Guerreiro, escrivão do dito juizo, pelos quaes fui certo que elle procede e vem da geração e linhagem dos ditos Sás Mendonças, Furtados de Mendonça, Cardosos e Azevedos, como filho legitimo de Rodrigo de Sá e Mendonça, cavalleiro professo na ordem de Christo, e de D. Anna Maria de Araujo Froes, neto pela parte paterna do capitão Lucas de Sá e Mendonça e de sua mulher D. Maria Mendes de Sousa: Bisneto de Rodrigo de Sá e Mendonça e de sua mulher Maria Pedrosa Garcez d'esta cidade. Terceiro neto de Lucas de Sá e de sua mulher Lucrecia Lopes de Mendonça, irmã de Fernão Nunes Furtado, filho de Nuno Gonçalves Cardoso e pae de Antonio Nunes de Azevêdo que tirou o brazão dos Azevêdos e Cardosos e avô de Antonio Furtado de Mendonça que tirou tambem brazão dos Furtados e Mendonças como descendente de Affonso Furtado de Mendonça, que foi capitão-mór do mar de Portugal. Quarto néto por legitima baronia de Francisco Preto de Sá que era descendente pela linha de Sá de João Rodrigues de Sá, o das Galés, e pela dita Lucrecia Lopes de Mendonça quarto neto de Nuno Gonçalves Cardoso e de sua mulher Barbara Furtado de Mendonça, quinto neto de Fernão Nunes Cardoso de Azevêdo e de sua mulher Lucrecia Lopes, sexto neto de Nuno Gonçalves de Azevêdo, filho de Pedro Gonçalves de Azevêdo, fidalgo de solar conhecido e descendente de João Gonçalves Cardoso, senhor de Besteiros e pela parte materna é neto de Antonio de Amorim e Azevêdo, fidalgo da casa de Sua Magestade e de sua mulher Joana Froes de Andrade, bisnéto de Damião de Araujo da villa das Pias tambem fidalgo da casa de Sua Magestade.

Os quaes todos seus paes e avós e mais antepassados eram pessoas muito nobres e fidalgos de solar conhecidos neste reino e como taes se trataram sempre á lei da nobreza com cavallos, armas, criados e escravos como pessoas nobres que eram sem que nas ditas gerações houvesse raça alguma de judeu, mouro ou mulato nem de

outra infecta nação e consta que os seus antecessores foram sempre pessoas da principal nobreza de sua Provincia e aparentados com casas muito illustres d'este reino e ao suplicante, como legitimo descendente d'estas familias lhe pertencem as suas armas. As quaes lhe mandei dar em esta minha carta com seu brazão elmo e timbre como aqui são divisadas e assim como fiel e verdadeiramente se acharam divisadas e registadas em os livros dos registos das armas dos nobres e fidalgos de meus reinos que tem o dito Portugal, meu rei d'armas.

A saber: Um escudo esquartelado, no 1.º quartel as armas dos Sás que são escudo xaquetado de prata e azul 6 peças em faixa e 7 em palla; no 2.º quartel as armas dos Mendonças, escudo franchado no alto e baixo campo verde, em cada um sua banda sanguinha acotada de ouro e nos 2 das ilhargas em cada um sobre campo de ouro um S negro; no 3.º quartel as armas dos Furtados de Mendonça em campo vermelho 12 corações de ouro postos em 3 pallas; no 4.º quartel as armas dos Azevedos escudo esquartelado o primeiro de ouro com uma aguia preta, o 2.º de azul com 5 estrellas de prata de 6 pontas cada uma postas em sautor com uma orla sanguinha e nella 8 aspas de ouro e assim os contrarios. Elmo de prata aberto guarnecido de ouro. Paquife dos metaes e côres das armas. Timbre o dos Sás que é um bufaro nascente negro, armado de prata, pontas e unhas e uma argola de ouro nas ventas e por differença uma brica vermelha com um trifolio de ouro.

O qual escudo armas e sinaes possa trazer e traga o dito capitão-mór Estevão de Sá e Mendonça assim como a trouxerão e dellas usaram seus antecessores em todos os logares de honra em que os ditos seus antecessores e os nobres e antigos fidalgos sempre as costumaram trazer em tempo dos mui esclarecidos reis meus antecessores e com ellas possa entrar em batalhas, campos rectos, escaramuças e exercitar com ellas todos os outros actos licitos da guerra e da paz e assim as possa trazer em seus firmaes, aneis, sinetes e divisas e as pôr em suas casas edificios e deixa-las sobre sua propria sepultura e finalmente se servir, honrar, gozar e aproveitar d'ellas em todos e por todo como á sua nobreza convem, com o que quero e me praz que haja elle e todos seus descendentes todas as honras, privilegios, liberdades, graças, mercês, isenções e franquezas que hão e devem haver os fidalgos nobres e de antiga linhagem e como sempre de todo usaram e gozaram os ditos seus antecessores, pelo que mando a todos meus corregedores, desembargadores, juizes, justiças, alcaldes e em especial aos meus reis d'armas, arautos e passavantes e a quaesquer outros officiaes e pessoas a quem esta minha carta fôr mostrada

e o conhecimento d'ela pertencer que em tudo lho cumpram e guardem e façam cumprir e guardar como nella é conteudo sem duvida nem embargo algum que em ella lhe seja posto porque assim é minha mercê. El Rei Nosso Senhor o mandou por Manoel Pereira da Silva seu Rei d'armas Portugal Frei Manoel de Santo Antonio, religioso da ordem de São Paulo e reformador do cartorio da Nobreza a fez em Lisboa occidental aos dois dias do mez de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1741 e vae sobscrita por Antonio Francisco de Sousa, escrivão da Nobreza n'estes reinos e senhorios de Portugal e suas conquistas.

Eu Antonio Francisco Sousa subscrevi. P. Rey darmas Portugal.

Fica registado este Brazão no livro 9.º do registo dos brazões da Nobreza de Portugal a fl.^{as} 63 Lisboa occidental aos 5 dias do mês de Junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1741. — *Antonio Francisco Sousa*.

Muito elucidativa é porém a genealogia dos Sás tal qual ma comunica o Sr. Aires de Sá.

«Em toda esta genealogia, diz S. Ex.^{cia}, até Estevam de Sá e Mendoça, capitão-mór, o que se lê, entre áspas, é transcripto do códice n.º 234, da «Collecção Pombalina», na Bibliotheca Nacional de Lisboa, intitulado: «*Certã enobrecida, ou descripção Historico-topographico-Genealogica da villa da Certã*, por Jacintho Leitão Manso de Lima, beneficiado da egreja matriz da Certã e natural da mesma villa. — Anno, 1730». Original. — Ms. em três volumes. Tom. 3.º, fl. 161.

«Paula de Sá, mulher de Fernão Serrão, cavalleiro fidalgo da casa de el-rei e seu moço da toalha, s. g.; falleceu com testamento, feito em 19 de dezembro de 1590, em que instituia morgado, com obrigação de duas missas, cada semana, ditas na egreja de São João da Talha, no termo de Lisboa, em cuja freguesia foi moradora, e chamando, para a successão d'elle, a seu primo Remigio de Sá, e, por sua morte, a seu filho mais velho, Diogo de Sá; e deixou, tambem, um praso a seu sobrinho, Henrique de Sá.», neto de Inez de Sá, mãe de Paula de Sá, instituidora, e irmã de Nicolau de Sá e do pai de Remigio de Sá, supra-citado. Francisco de Sá ou Francisco Preto de Sá, pai de Lucas de Sá (na columna, ao lado) e irmão de Francisca de Sá, era filho de um irmão de Inez de Sá, mãe de Paula de Sá, instituidora. Em 1601, era administrador do vinculo, Luiz de Sá, do ramo de Remigio de Sá; todos, descendentes de João Rodrigues de Sá — o das galés —, camareiro-mor d'el-rei D. João I (Carta de brasão, passada em Lisboa (2 de junho de 1741), e outros logares). Francisco de Sá, nasceu no séc. xv.

António de Sá Godolfim e Mendouça

Capitão-mor da vila das Pias. Não casou e teve vários filhos bastardos, legitimados em 1807.

Mmanuel de Sá Godolfim Garcez e Mendouça

Casou com D. Maria Teodora da Fonseca.

Rodrigo de Sá e Mendouça

Corregedor. Foi mestre de seu sobrinho marquês de Sá da Bandeira.

D. Francisca Xavier de Sá Mendouça Cabral da Cunha Godolfim

Casou com o desembargador Faustino José Lopes Nogueira de Figueiredo e Silva, capitão-mor de Santarém.

D. Rita Felizarda de Sá e Mendouça Godolfim Cabral da Cunha

Casou com Luís Godinho Gonçalves de Araújo Cabral e Azevedo, capitão-mor da vila das Pias.

D. Maria Efigénia**D. Antónia Cactana****D. Ana****D. Rosa Angélica****João Garcez Palha de Sá e Mendouça****Bastarda D. Ana de Sá e Mendouça**

Foi, provavelmente, esta que casou com Joaquim António de Almeida, tabelião em Alcanede, e não a irmã, legítima, demente.

Estêvão de Sá e Mendouça

«Filho, primeiro, d'este Rodrigo de Sá, immediato successor da casa de seu pae e capitão-mor da villa das Pias, foi patente de Sua Magestade, passada em outubro de 1729».

Casou a primeira vez com D. Rosa Maria Saraiva de Carvalho, s. g.

Casou a segunda vez com D. Maria Inácia Cabral da Cunha Godolfim. (Nasceu em 1700).

Rodrigo de Sá e Mendouça

«Filho, primeiro, d'este Lucas de Sá e Mendouça, é cavaleiro do habito de Christo, almoxarife da commenda de Dornes, por mercê do senhor infante D. Francisco; vive n'este anno de 1730. — Casou com D. Anna Maria de Araujo Froes, natural de Alcanede, e filha de Antonio de Amorim de Azevedo e de sua mulher Joanna Froes de Andrade». (Nasceu em 1668).

João Garcez de Mendouça

«É clérigo in minoribus».

D. Maria**D. Catarina****José de Sá e Mendouça****Frel Estêvão de Sá**

«Freire da Ordem de Christo».

D. Mariana de Sá e Mendouça**D. Inês de Jesus**

«Nome da profissão, freira em Santa Iria de Thomar».

D. Isabel de Sá e Mendouça**Lucas de Sá e Mendouça**

«O capitão Lucas de Sá, filho, primeiro, d'este Rodrigo de Sá, foi almoxarife da commenda de Dornes. Veio, para a villa das Pias, chamado de sua tia, Catharina Garcez de Oliveira, de quem foi herdeiro. Viveu na sua quinta do Desterro, no Alqueidão da villa das Pias, comarca de Thomar, que herdou da dita sua tia, que é cabeça do morgado que ella instituiu, com seu marido, Diogo de Sousa, com obrigação de missa quotidiana, com a capella de Nossa Senhora do Desterro, que está junta das casas da mesma quinta. — Casou duas vezes: a primeira, em Lisboa, com D. Maria Pimentel, filha de Antonio de Brum Pimentel, mariola-mór do reino, s. g.; a segunda, no logar do Beco, termo de Dornes, com D. Maria Mendes de Sousa, filha de Jorge Mendes e de Ignez Vaz, a qual era já viuva do licenciado Thomaz Carvalho Leitão e de Manuel de Alvellos Ribeiro». (Nasceu em 1628).

Francisco de Sá e Mendouça

«Embarcou, para a India, voluntario, e, lá, foi religioso de São Domingos, onde se chamou frei Francisco de Mendouça; falleceu em Timor, sendo prior do convento que ali tem a sua religião».

Manuel de Sá e Mendouça

«Serviu voluntario, na India, e indo, em socorro a Ceilão, com tresentos portugueses, foram perseguidos, pelos holandeses, e, retirando-se a uma fortaleza, lhe poseram o fogo, por se não renderem, e, ali, acabaram, todos, reclusos a cinzas».

D. Antónia de Sá e Mendouça

«Casou, á sua vontade, com o licenciado Antonio de Oliveira da Motta, e teve: Luiz de Sá e Mendouça, s. g.».

Rodrigo de Sá e Mendouça

«Veio, da ilha da Madeira, para Lisboa, a oppôr-se ao morgado instituido por Paula de Sá, e o tirou por demanda. Casou, em Lisboa, com Maria Pedrosa Garcez, prima com-irmã de Catharina Garcez de Oliveira e filha de Pedro Martins e de Isabel Cardoso». (Deve ter nascido em 1570 a 1580).

Lucas de Sá

«Dizem que foi natural de Lisboa. Casou com Lucrecia Lopes de Mendouça, filha de Nuno Gonçalves Cardoso e de sua mulher Barbara Furtado de Mendouça». (Deve ter nascido em 1530 a 1540).

Bárbara de Sá e Mendouça

«Mulher de (?) e teve: o capitão Bartholomeu de Vasconcellos Perestrello, Antonio Tavares de Sousa, prior das capellas das ilhas da Madeira e Porto Santo».

N

Morreu menino.

Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo

Marquês de Sá da Bandeira. sem successão legítima; isto é: teve uma filha bastarda que morreu sem successão.

D. Maria Augusta de Sá Nogueira e Mendouça

Casou com Luís da Cunha de Castro e Meneses, fidalgo da Casa Real, senhor de um morgado, em Prouença, coronel de milicias de Idanha, e. g.

António Cabral de Sá Nogueira

Freire conventual comendador e cavaleiro da Ordem de Christo, bacharel em matemática, pela U. de C., conselheiro de Estado extraordinário, provedor da moeda, comandante do 14.º batalhão da guarda nacional de Lisboa, presidente da câmara dos deputados, secretário da embaixada para assistir à coroação da rainha Vitória, administrador geral e governador civil de Lisboa e de outros distritos do reino, s. g.

Francisco de Sá Nogueira

Cavaleiro das Ordens da Conceição, Torre Espada e Santiago, major comandante do batalhão naval, s. g.

Aires de Sá Nogueira de Figueiredo¹

Chamado — o pai da Lavoura — Casou com D. Maria do Patrocínio Vieira de Abreu e Vasconcelos¹, senhora de muitos morgados e senhorios. Foi herdeiro do nome de seu pai, de seu irmão primogénito, e do nome de sua mãe, se D. Maria Bemvinda de Sá não teve descendência legítima e se D. Francisca Xavier era irmã mais velha do chefe da casa, e. g. Acerca de Aires de Sá Nogueira de Figueiredo, vid. o *Boletim* da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa — n.º 8, Agosto — 1910, vol. xii.

¹ Meus avós.

Estêvão de Sá Nogueira e Mendouça

Tenente da armada real, s. g.

Narciso de Sá Nogueira Cabral da Cunha

Tenente de cavalaria, s. g.

João Cabral de Sá Nogueira

Tenente-coronel de lanceiros da rainha n.º 2, cavaleiro da Ordem de Christo. Casou com D. Maria José de Antas Coelho, e. g.

José Cabral de Sá Nogueira

General de divisão de cavalaria. Casou com D. Maria Guadalupe de Paiva Magalhães Vasconcelos Bernardes, e. g.

Augusto de Sá Nogueira

Guarda-marinha, s. g.

Rodrigo de Sá Nogueira

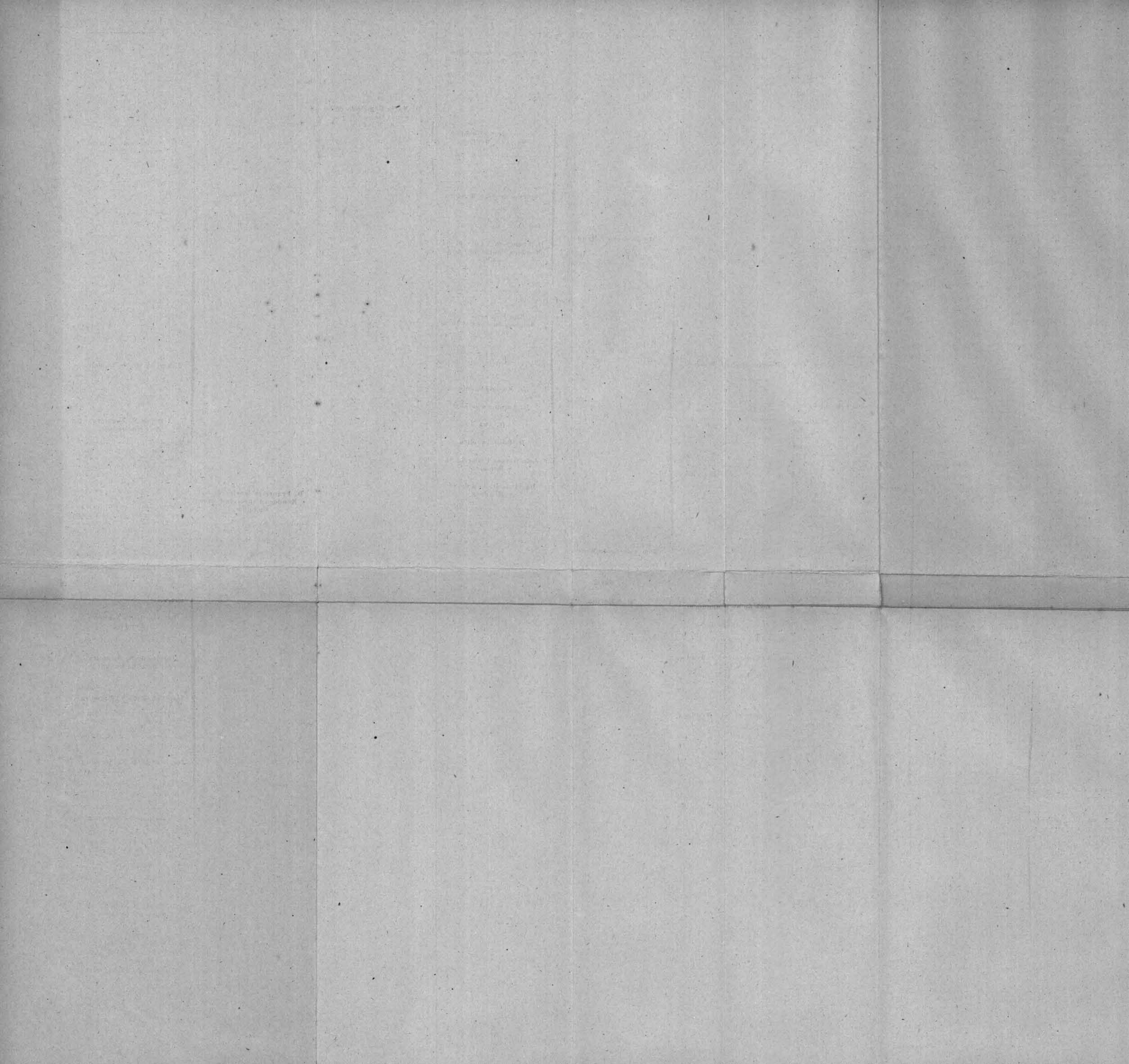
Contra-almirante, cavaleiro da Torre e Espada. Casou com D. Maria Teresa Pereira, e. g.

D. Maria Brísida de Sá Nogueira Godolfim

Casou com José Alvo Pinto de Sousa Continho, filho dos segundos viscondes de Balsemão, e. g.

Faustino de Sá Nogueira

Alferes, s. g.



Dêstes Sás destacaremos, pela sua erudição, dois, a cuja acção official aliás nos referimos no devido lugar: o desembargador Rodrigo de Sá e Mendonça e António de Sá. Falando do primeiro escreve Adriano Balbi a pag. CXXVII, do tomo II do *Essai statistique sur le royaume de Portugal et Algarve* (Paris, 1882): «Rodrigo de Sá; desembargador de la Relação do Porto, et littérateur distingué, surtout dans la partie relative à l'histoire et aux antiquités. Doué d'une mémoire prodigieuse, il s'était voué à l'étude des langues, et il était parvenu à comprendre le latin, le grec, le caldaïque, l'hébraïque, le copte, l'arabe, le hongrois, le russe, l'allemand, l'anglais, le suédois, le danois, l'hollandais, le français, l'italien et l'espagnol. Parmi ses manuscrits on a trouvé quelques traductions du russe et du hongrois dans sa langue maternelle. Il avait aussi de grands connaissances en hydraulique, et il l'a prouvé par les ouvrages exécutés dans les environs d'Alcobaça sous sa direction».

A p. 5 do tomo I da *Vida do Marquês de Sá da Bandeira*, por Simão José da Luz Soriano (Lisboa, 1887) encontra-se o seguinte: «... Seu tio, Rodrigo de Mendonça, irmão de sua mãe, indo passar alguns tempos a Santarêm, hospedando-se em casa de seus pais, e vendo em seu sobrinho Bernardo de Sá, ainda então criança, uma tam pronunciada disposição para as letras, também lhe começou a dar algumas lições de grego. Segundo o dizer dêste seu sobrinho num dos papéis, por nós achados no seu espólio, o dito seu tio era um homem de vasta erudição, conhecia muitas línguas antigas, além do grego, tal como a siriaca, a caldaica, etc. e quasi todas as línguas escritas da Europa moderna, tais como o russo, o polaco, o húngaro, além das línguas ocidentais da mesma Europa».

De António de Sá transcrevemos do seu testamento original, datado da Quinta do Destêrro do Alqueidão das Pias, a 25 de Março de 1804:

«E como não sei se poderei vir a concluir as dinastias dos Arabes em Espanha, obra de que já tenho composto oito tomos de pequeno quarto, e a traducção das Georgicas de Virgílio em rima portugueza os quais ainda estão por castigar, recomendo ao dito meu irmão (Rodrigo de Sá e Mendonça) queira vêr tudo, e com o Rev.^{mo} Fr. João de Sousa Damasceno, da Ordem Terceira de S. Francisco, oferecerem essa curiosidade tal ou qual a pude ordenar à Real Academia das Sciências de Lisboa»¹.

¹ Documentos da *Provedoria de Tomar*, na Torre do Tombo.

Aditamentos e rectificações

Aos primeiros capítulos até a entrada no séc. XVII

O seguinte documento, ainda do séc. XII, refere-se à fundação da igreja de S. Pedro do Rêgo da Murta:

In nomine patris et filii et spiritus sancti amen Ego P. dei gratia colimbriensis episcopus una cū cōsensu canonicorum nostrorum ad noticiã futurorum facimus karta cōvêtionis et firmitudinis vobis P. priori sancti petri de arganil et omnibus canonicis ibi sedem reglam beati augustini morantibus presentibus et futuris in perpetuū ut edificetis ecclesiam ad honorē dei et beati petri apostolorum principis in loco qui dicitur murta et secundum consuetudinē aliarum nostrarum ecclesiarū primiciarū decimarū et inosturiorum (?) nobis et successoribus nostris tertiam partem fidelitèr per solvatis Excepto quod a nobis ut ab aliis collectã nolumus exigere Si autem evenerit nobis vel successoribus nostris fecisse transitum per partes illa pro facultate vestra et viribus nobis provideatis et nos in onoribus vestris comendatū habeatis et vos obitū nostrum in unoquoque anno anniversariū faciatis. Facta karta mense iunio era m.^a cc.^a xxxii (1232) Ego P. colimbriensis episcopus qui hanc kartã cū canonicis nostris facere iussimus a propriis manibus roboravimus et confirmavimus. Quicumque igitur hoc nostrum factum violare tentaverit anathema sit. Gunsalvus notuit. Petrus testis. Pelagius testis. Suarius testis—Menendus testis—Martinus testis⁴

Seja dito a propósito desta mesma freguesia de S. Pedro do Rêgo da Murta que, ainda em 1825, a condessa de Anadia era possuidora do praso de S. Domingos, do Rêgo da Murta.

Aos curiosos da história desta região apontamos o documento da gaveta 7, m. 7, n.º 22: composição que fez o bispo de Coimbra com a ordem do Templo sobre a visitaçãõ da igreja de Puços (1291).

Do Auto da Aclamação de D. João I em 1385 consta o nome de João Gomes, comendador das Pias.

De um catálogo de igrejas por 1320 e 1321 publicado como apêndice ao vol. II da *História da igreja em Portugal* do Sr. Dr. Fortunato de Almeida, p. 609 e sgs. consta que a igreja de Dornes era lotada em 220 libras (com a valia aproximada de 1 escudo e cincoenta

⁴ M. 24 do Cartório do cabido da Sé de Coimbra, na Torre do Tombo. Não nos foi possível conferir a cópia com o original. É por isso natural haver lapsos na leitura.

e cinco centavos da nossa moeda actual); a comenda de Dornes lotada em 250 libras; a igreja de Águas Belas em 30 libras; a de Ferreira em 80 libras e a comenda da mesma em 150 libras.

Fr. Estêvão Lourenço, comendador de Dornes e Fr. Álvaro Gonçalves, comendador das Pias, assistiram em Tomar ao capítulo celebrado em 9 de Novembro de 1395 em que foi eleito mestre da ordem de Cristo, D. Nuno Rodrigues Freire de Andrade¹.

Em 1550 já existia a venda de Caparrota, termo do julgado de Pussos².

Os azulejos que actualmente se admiram na parochial do Bêco não podem ser do séc. XVI como afirmámos. Devem ser dos princípios do séc. XVIII. São perfeitamente idênticos aos que se vêem na matriz de Figueiró-dos-Vinhos e que têm a data de 1716.

Jorge Vaz, de Dornes, fez parte da gente que, com Afonso de Albuquerque, tomou parte na tomada de Goa, sendo pago do mantimento do mês de Março de 1514. (*Corpo cronológico*, parte II, m. 45, n.º 96).

Do «Livro em que som assentadas as vistimêtas, Joyas, e ornamentos que ho duque dom manuell nossos Sõr Regedor e Governador do hordem da cavalaria de Jhesu Cristo enviou para as Igrejas da dita hordem», fls. 10, copiámos o seguinte:

Foram entregues a Rui Mendes, capelão das pias os seguintes objectos:

- Uma cortina de linho pintada com aves e outras cousas;
- Uma vestimenta de linho comprida com uma cruz vermelha;
- Dois castiçais (este diz que furtaram quando roubaram a Igreja);
- Uma caldeira para água benta;
- Um bacio para a oferta;
- Um frontal de linho com uma cruz vermelha de Cristo;



Sêlo pendente que autentica a divisão em comendas de Christo que publicamos no *Apendice* de documentos

¹ Fr. Manuel dos Santos, t. I, p. 146 (*Alcobaça Ilustrada*).

² Documento 186 do cartório do convento do Carmo em Figueiró dos Vinhos.

Um turbulo de arame;

Uma âmbula para óleo e crisma;

Dois pares de galhetas de estanho.

Álvaro Pereira entregou a Rui Mendes dois castiçais grandes de açofar.

Dos ornamentos que o duque nosso Senhor tinha dado para o convento antes do cabido, que atrás são carregados em seu título mandou Sua Senhoria que se desse à Igreja das pias uma vestimenta de damasco branco com suas almátegas compridas do mesmo teor que foi entregue ao vigário de Tomar por Fr. João da Cal.

Igreja de Dornes

Para a igreja de Dornes enviou o dito Senhor o seguinte:

Duas vestimentas brancas de pano de linho com cruces da ordem;

Uma cortina de sarja;

Dois castiçais grandes de arame;

Um turbulo de arame;

Uma caldeira de água benta;

Uma âmbula de estanho para óleo;

Uma bacia de arame para oferta;

Dois pares de galhetas;

Um frontal de pano de linho com 3 figuras.

Dos ornamentos que estavam no convento no tempo da senhora infanta mandou o duque nosso senhor dar à igreja de Dornes estola, manípulo, amito, e cinta que foi entregue a fr. João.

Ao capitulo «Vila e concelho de Ferreira nos sécs. XVII e XVIII»

O P.^o Agostinho Fernandes Salazar, vigário das Pias, sahio no auto da fé de 6 de Fevereiro de 1625 por prègar proposições heréticas e no de 1664 foi António Marques, regatão, natural das Pias, como bigamo.

No auto da Fé, que se celebrou na Igreja de S. Domingos de Lisboa, em 16 de Maio de 1694, abjurou de leve:

Inês de Santa Teresa, (de alcunha a dos Cães) viúva de Tomás Carvalho, que foi meirinho, natural do lugar do Beco, termo da vila de Tomar, e moradora em Lisboa. Por culpas de feitiçaria, e presunção de ter pacto com o Demónio. Pena: cárcere a arbítrio, açoutes e 3 anos de degrêdo para Castro Marim.

Em carta de Fr. João do Evangelho existente a fls. 132 do caderno do Promotor da Inquisição de Coimbra, n.^o 6, se denuncia que Aleixo Pais, homem de Cabaço, afirmava que Deus não permitia os

males e que o demónio tinha poder absoluto e independente. Isto foi na presença de dois filhos da estalajadeira do Cabaço, moradora defronte de uma ermida, um dos quais era clérigo e o outro ferrador. As duas testemunhas disseram ao denunciante que o tal Aleixo se costumava embriagar. Apesar de não datada esta denúncia é da primeira metade do séc. XVII.

Em 5 de Julho de 1650 foi passada carta de familiar a Belchior Vaz Ribeiro, morador na Baía de Todos os Santos, contratador de fazendas, natural do lugar da Cortiça, termo da vila de Alvaiázere, bispado de Coimbra. Filho de Domingos Fernandes Cabaço e de Brites Vaz, ambos do dito lugar da Cortiça. Neto paterno de Domingos Fernandes e de Catarina Fernandes Cabaço; materno de Belchior Vaz e de Catarina Brás, nascidos e moradores na Feteira, termo de Pussos¹.

O Padre Manuel Marques de Azevedo proferiu, em 1760, o panegírico do Inquisidor Geral, D. José, um dos célebres meninos da Palhavã.

Fr. Inácio de Jesus, que no mundo se chamou Manuel Carvalho de Sousa, filho de Francisco Mendes e de Jerónima de Sousa, moradores no Souto da Ereira, freguesia de S. Vicente, termo de Dornes, tomou o hábito no convento de Nossa Senhora dos Remédios de Lisboa, em 1 de Agosto de 1649².

Fr. Baltazar de S. José, natural do Beco, que no mundo se chamava Baltazar Mendes, filho legítimo de Baltazar Rodrigues e de sua mulher Isabel Mendes, tomou o hábito no noviciado do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Lisboa, a 10 de Fevereiro de 1658, e professou aí mesmo, a 16 de Fevereiro do ano seguinte. Dêste religioso só se sabe que faleceu no Convento da Nossa Madre Santa Tereza de Setúbal, em Dezembro de 1665, antes de entrar nos estudos, com 6 anos e 10 mezes de hábito sem fazer memória do dia da sua morte, nem tam pouco da idade que tinha³.

O Padre Fr. Bernardino da Purificação, natural da freguesia do Beco, que no mundo se chamava Bernardino Carvalho da Silva,

¹ M. 1, n.º 18 (Belchior), *Habilitações do Santo officio*.

² *Livro em que se escrevem os irmãos que recebem o hábito no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Carmelitas descalços da cidade de Lisboa*.

Biblioteca Nacional, Fundo Antigo, sem número.

³ *Chronologia da Provincia de S. Felippe de Carmelitas Descalços no Reyno de Portugal e suas Conquistas*, 2.º volume, M. S., n.º 8208, Fundo antigo.

A obra tem 4 volumes sem nome do autor e sem numeração de páginas.

filho legítimo do Doutor Manuel Carvalho da Silva e de sua mulher Luísa Carvalho, tomou o hábito no noviciado do Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Lisboa, a 6 de Fevereiro de 1649, e professou al mesmo, a 13 de Fevereiro de 1650. Com um ano de professo foi para o Convento Eremítico de Santa Cruz de Bussaco onde entrou a 21 de Fevereiro de 1651, e no seguinte de 1652 o mandaram estudar Filosofia no Colégio de Nossa Senhora do Carmo de Figueiró, donde passou no de 1655 a ouvir Teologia no de S. José de Coimbra, e no de 1658 até o de 1660 aprendeu moral no de Nossa Senhora do Carmo de Viana. Depois que acabou os seus estudos se não encontra outra notícia deste religioso mais que entrar segunda vez a conventual do Santo Deserto de Bussaco a 2 de Março de 1667, e 3 anos adiante falecer no Convento de Nossa Senhora dos Remédios de Lisboa, a 8 de Março de 1670, tendo de idade 42 anos e de hábito 21, um mês e 2 dias ¹.

O Irmão Fr. Estêvão de S. José, natural do lugar do Outeiro, freguesia de S. Vicente de Paio Mendes, professou a 19 de Março de 1676.

A p. 888 da *Crónica da Província da Piedade* por fr. Francisco de Santiago se faz a biografia de um religioso, fr. Tomás, do Beco que morreu no Convento da Anunciada, em Tomar, a 2 de Setembro de 1686, com 82 anos de idade.

Vasco de Azevedo Coutinho, senhor de S. João de Rei e de Terras de Bouro era, em 1660, herdeiro da Quinta da Tapada e foi trineto do grande poeta Francisco de Sá de Miranda, como se vê pela árvore genealógica publicada pela Sr.^a D. Carolina Michaëllis no seu trabalho *Poesias de Francisco Sá de Miranda*. Aí se diz também que a Vasco de Azevedo Coutinho sucedeu Francisco de Sá de Azevedo que morreu em 1704, de quem descende D. Rodrigo de Azevedo de Sá Coutinho, também possuidor da Quinta da Tapada, que morreu a 18 de Fevereiro de 1881. A estes devia ter pertencido a quinta da Guimareira, cujo último possuidor desta família foi D. Luís de Azevedo Sá Coutinho Júnior.

Do *Catálogo de todos os religiosos agostinhos Descalços de Portugal*, copiado por Pedro Augusto Ferreira (Pôrto, 1907) consta que, em 1691, a 6 de Março, professou no convento do Monte Olivete, em Lisboa, fr. Domingos de S. José, natural do Beco, bispado de Coimbra.

¹ *Chronologia da Província de S. Felippe de Carmelitas Descalços no Reyno de Portugal e suas Conquistas*, 2.^o volume. M. S., n.^o 8208, Fundo antigo.

A obra tem 4 volumes sem nome do autor e sem numeração de páginas.

Francisco Nunes, morador na Besteira, termo de Aguas Belas, filho de Luís Nunes e de sua mulher Maria Ramos, naturais e moradores no lugar da Travanca, neto paterno de António Nunes Carrasco e de sua mulher Catarina Cordeiro, moradores que foram na Venda da Serra, sendo o seu avô paterno natural da freguesia da Igreja Nova do lugar da Ribeira do Boicha; neto materno de Manuel Ramos e de sua mulher Antónia de Basto.

O requerente era casado com Maria Ferreira, filha de Bartolomeu André e de sua mulher Antónia Ferreira, já defuntos, o primeiro natural do Mourelinho, da freguesia da Igreja Nova e a segunda, natural da freguesia de Ferreira; neta paterna de Simão André e de sua mulher Maria Nunes e neta materna de Pedro Fernandes e de sua mulher Domingas Dias, naturais de Ferreira.

Foi o seu requerimento despachado em 30 de Julho de 1706 e foi-lhe passada carta de familiar em 8 de Maio de 1707 (*Habilitações do Santo Ofício*, Francisco, m. 34, n.º 765).

Em 1728 foi despachado um requerimento em que Francisco Lopes, do Val do Serrão, freguesia de Dornes, casado com Antónia Nunes, pedia para ser nomeado familiar do Santo Ofício. Declarou-se filho de Francisco Lopes e de sua mulher Clara Frisia, moradores que foram no Val do Serrão; neto paterno de Inocêncio Pires e de Brites Lopes também do Val do Serrão; e neto materno de Pedro Fernandes e de sua mulher Domingas Marques, igualmente naturais do Val do Serrão. Uma das pessoas com quem o comissário se informou foi com L.^{do} Tomás Heitor de Sousa, médico, morador em Ribelas; com Paulo Heitor de Sousa, homem que vivia da sua fazenda, morador em Dornes; José Mendes de Brito, homem que vivia da sua fazenda, morador em Dornes; José Mendes da Silveira, homem que vivia da sua fazenda, morador no Beco.

Foi-lhe passada carta de familiar em 1 de Fevereiro de 1729¹.

O Padre Fr. Euzébio da Conceição, filho de Lourenço Álvaro Neto e Isabel Cotrim, todos naturais do Alqueidão, freguesia do Beco, professou para frade do côro em o convento de S. Francisco de Évora, em 9 de Agosto de 1727 (Nota-Prêgador na Província de Portugal e Guardiã de Mértola).

Fundo Antigo n.º 721 fl. 58 v. Chamou-se no mundo Euzébio Cotrim, natural, assim como seus pais, do lugar da Crugeira, freguesia do Beco; neto paterno de João Álvares e Maria Mendes, naturais do

¹ *Habilitações do Santo Ofício*, m. 48, n.º 987.

lugar do Alqueidão, freguesia do Beco; neto materno de Afonso Antunes e Maria Cotrim, naturais da Crugeira. Despachado para Évora, em Xabregas, em 9 de Julho de 1626.

Fundo Antigo n.º 1253 fl. 21 v.

O Padre Fr. Bernardino Santa Tereza, filho legítimo de Lourenço Álvares e de Tereza Cotrim, todos naturais da freguesia do Beco, termo da Vila de Dornes, professou para frade do côro no Convento de S. Francisco de Xabregas, em 21 de Novembro de 1749.

Foi Prêgador¹.

O Padre Fr. Euzébio da Conceição, filho de Lourenço Álvares e de Isabel Cotrim, todos naturais do Alqueidão, freguesia do Beco, professou para frade do côro no Convento de S. Francisco de Évora, em 29 de Agosto de 1727. Foi Prêgador e Guardião de Mértola. Transitou para a Província de Portugal em 1759².

Idem p. 146

Ângelo de Carvalho, olim Ângelo Carvalho de Jesus, natural do Beco, termo da Vila de Dornes, filho legítimo de Rodrigo de Carvalho e de Josefa Maria, nasceu a 3 e foi baptisado a 10 de Janeiro de 1742; entrou no noviciado da Companhia de Jesus em Coimbra, a 29 de Agosto de 1757, para estudante da Província de Portugal³.

*

Se um romeiro devoto se aventura a ir em piedosa romagem, num cáldio dia de Agosto, ao alto do monte onde mora, numa capelinha branca, a Senhora das suas esperanças, chega lá extenuado e almejando sentar-se à sombra fresca de um castanheiro amigo.

Tal acontece ao autor dêste livro, tal acontecerá porventura aos seus leitores.

Mas se estende a vista ao largo, se a despenha pelas ravinas e pelos socalcos, consola-se de ver o caminho trilhado, as sinuosidades da estrada que se avista lá no fundo, branqueja aqui para se esconder acolá. E isto o alivia um pouco; quanto mais áspero é o caminho, maior é o prazer de lhe ter chegado ao cabo.

Assim nos acontece a nós.

¹ *Noticia Genealógica* (sem autor), p. 97, M. S., n.º 1504 do Fundo Antigo (Biblioteca Nacional).

² Parece irmão do antecedente apesar do primeiro nome da mãe ser diferente, êrro talvez do registo.

³ (Biblioteca Nacional) *Colecção Pombalina*, n.º 231, fl. 11 v.

Tentámos percorrer seis séculos da vida colectiva do concelho que nos foi berço, e agora, tendo chegado ao fim, só temos pena da carestia documentária nos deixar tantas lacunas, decerto insupríveis. Se a atenção dalguns leitores fôr despertada e se por acaso conhecerem elementos que modifiquem ou alterem o que escrevemos, favor é comunicarem-nos e uma segunda edição virá corrigir a presente.

Entretanto cumpre agradecer aqui ao Sr. Dr. Leite de Vasconcelos que, pondo ao nosso dispor as colunas do *Arqueólogo*, facilitou esta publicação; ao Sr. Fernando Caldeira, que nos forneceu a maior parte das fotografias que reproduzi, e ao pessoal da Imprensa Nacional, especialmente ao Sr. Joaquim David Gomes, cujo zêlo, competência e solicitude são já deveras proverbiais.

A todos pois o nosso agradecimento.

(Conclui).

ANTÓNIO BAIÃO.

Arqueologia liceense

A estação prehistorica de Liceia ou Licêa, na frèguesia de Barcarena, concelho de Oeiras, foi descoberta por Carlos Ribeiro, e sabidamente estudada por ele em 1878 numa memoria intitulada *Noticia da estação humana de Licêa*, que constitue o vol. I da *Noticia de algumas estações e monumentos prehistoricos*. À mesma estação me referi nas *Religiões da Lusitania*, I, 49-53, resumindo em parte o que diz Ribeiro, e juntando observações que eu fizera no local em 1896.

Por um lado a abundancia de objectos neolíticos que costumam aparecer junto de Liceia e nos vales que rodeiam a povoação, e por outro o saber-se que as antiguidades da região haviam servido já de assunto scientifico a um homem tão competente como Carlos Ribeiro, despertaram a curiosidade e o patriotismo de várias pessoas da frèguesia, que em 1909 se lembraram de organizar, como apenso da «Liga dos interesses de Barcarena», um museu onde se reunissem todas as cousas de valor archeologico que continuassem a achar-se: de facto o museu fundou-se, e mercê principalmente da dedicação dos Srs. Manoel Esteves Rodrigues, e Casimiro Augusto de Carvalho, a quem outros benemeritos Barcarenenses secundam com entusiasmo, vai aumentando de dia para dia, e em breve constituirá uma bela página de Archeologia estremenha.

Como Barcarena e Liceia ficam perto de Lisboa, e a ida lá constitue um passeio dominical muito agradável, não raro o dou, ora sozinho, ora em companhia de amigos, e em todos esses passeios tenho occasião de examinar no Museu de Barcarena novos documentos do